

Dossiê: "Território, desejo e erotismo: cenas da vida sexual e libidinal no contexto brasileiro"

O *cruising* na abertura política: roteiro gay, cinema e tendências internacionais (1978-1981)

Julio Eduardo Soares de Sá Alvarenga

Universidade Federal do Piauí
julioeduardoalvarenga@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0951-0491>

Kelyel Fortes de Resende Melo

Universidade Federal do Piauí
kelyelresende@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5371-3595>

RESUMO

O artigo trata do impacto político e social das interações homoeróticas, a partir da análise do jornal o *Lampião da Esquina* e o *Bay Area Reporter*, com o objetivo de compreender como se configurou um circuito homoerótico entre os centros urbanos brasileiros e os Estados Unidos. Além disso, investiga a transformação da intimidade em relação ao mercado erótico, ao cinema e aos locais comerciais para encontros sexuais. Argumenta-se que a elaboração de roteiros gays e de filmes que serviam como suplemento erótico tornou possível a redefinição da intimidade, bem como o estabelecimento de novas rotas e de roteiros sexuais, possibilitando um duplo efeito: a formação de uma demanda por direitos de cidadania face ao Estado, bem como a captura dos fluxos de desejo por parte da comunidade homoerótica, enquanto atravessada pelo capital.

Palavras-chave: História e Cultura; Roteiro Gay; Cinema; Mercado; Cruising.

Cruising in the political opening: gay screenplay, cinema and international trends (1978-1981)

ABSTRACT

This article discusses the political and social impact of homoerotic interactions, based on an analysis of the alternative newspaper *Lampião da Esquina* and the *Bay Area Reporter*, with the aim of understanding how a homoerotic circuit was configured between Brazilian urban centers and the United States. In addition, it investigates the transformation of intimacy in relation to the erotic market, cinema, and commercial locations for sexual encounters. It argues that the development of gay scripts and films that served as erotic supplements made it possible to redefine intimacy, as well as the establishment of new sexual routes and scripts, enabling a double effect: the formation of a demand for citizenship rights vis-à-vis the State, as well as the capture of the flows of desire on the part of the homoerotic community, as it is traversed by capital.

Keywords: History and Culture. Gay Script. Cinema. Market. Cruising.

Cruising en la apertura política: guion gay, cine y tendencias internacionales (1978-1981)

RESUMEN

El artículo aborda el impacto político y social de las interacciones homoeróticas, a partir del análisis del periódico alternativo *Lampião da Esquina* y del *Bay Area Reporter*, con el objetivo de comprender cómo se configuró un circuito homoerótico entre los centros urbanos brasileños y Estados Unidos. Además, investiga la transformación de la intimidad en relación con el mercado erótico, el cine y los espacios comerciales de encuentros sexuales. Se sostiene que el desarrollo de guiones y películas gays que sirvieron como complementos eróticos permitió redefinir la intimidad, así como establecer nuevas rutas y guiones sexuales, posibilitando un doble efecto: la formación de una demanda de derechos de ciudadanía frente a del Estado, así como la captura de los flujos de deseo por parte de la comunidad homoerótica, en la medida en que ésta es atravesada por el capital.

Palabras clave: Historia y Cultura. Guion Gay. Cine. Mercado. Crucero.

Introdução

A revolução tecnológica que se iniciou com o jornal impresso possibilitou uma maior troca cultural e um compartilhamento intenso de mundos fantasiosos, inclusive no que se refere às performances de gênero e no estímulo ao desejo sexual (Hobsbawm, 1995). Durante a segunda metade do século XX, alguns impressos homoeróticos possibilitaram a elaboração de um circuito para o encontro entre homens que buscavam interação sexual com outros homens, chamando atenção para os territórios de desejo nos grandes centros urbanos do país e no exterior.

Nesse contexto, o *Lampião da Esquina* surgiu no Brasil em 1978 e circulou até 1981¹, com um projeto político e ético de disseminar o orgulho de ser gay, como um modo de ser, de estar e de sentir singular diante do mundo e da crença da hegemonia heteronormativa². O periódico era redigido por onze homens de diferentes ramos das artes e das letras, marcando suas páginas por um intercâmbio cultural bastante intenso, tanto que deram materialidade ao impresso por influência do jornal *Gay Sunshine*, dos Estados Unidos. De temática editorial semelhante, o *Bay Area Reporter* circulou nos Estados Unidos a partir do distrito Castro, na Baía de São Francisco, informando os aspectos sociais, políticos e culturais da comunidade homoerótica local e internacional, durante o período de 1971 a 2005³.

As comunidades homoeróticas foram constituídas como espaços de sociabilidade e consumo voltados para o público homossexual. Durante a transição da década de 1970 para 1980, grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro ampliavam a quantidade de estabelecimentos destinados a tais grupos, o que repercutiu na multiplicação de categorias de identidade e modelos de classificação relacionados à homossexualidade,

¹ Disponível em: <<https://cedoc.grupodignidade.org.br/coleções/>>. Acesso em jan. 2025.

² Considerando as contribuições foucaultianas, a verdade do sexo não existe e o desejo é indemonstrável. Entretanto, o regime de verdade social estabeleceu uma conexão do sexo-gênero-desejo como se houvesse uma ordem natural, biológica e/ou divina para as coisas, de modo a produzir exclusão das pessoas não enquadradas nas categorias, a depender do contexto. (Foucault, 2022).

³ Acesso pelo California Digital Newspaper Collection. Disponível em: <<https://www.ebar.com/pages.php?screenID=18206>>. Acesso em jan. 2025.

sobretudo a partir da nomenclatura *gay* que então ganhava terreno e compartilhava espaço com as designações de bicha/bofe (França, 2010) já utilizadas.

Nesse período, o Brasil atravessava um momento ditatorial que também adotava uma política internacionalista liberal, tornando possível a veiculação de produtos culturais homoeróticos, mas que eram investigados pelos órgãos do Sistema Nacional de Informações (SNI), tinham as representações consideradas dissidentes cerceadas mediante censura prévia pelo Departamento de Censura de Diversões Públicas e punidas, quando fosse o caso, através do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). De modo que, o próprio *Lampião da Esquina* foi investigado por dar visibilidade ao Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), haja vista a notoriedade da formação de grupos afirmativos, como o “Somos” em São Paulo e no Rio de Janeiro, o grupo “Dignidade”, o “Triângulo Rosa”, o grupo “Free” e “Gapa” no Piauí, entre outros.

Nesse sentido, a pesquisa pretende analisar as colunas do *Lampião da Esquina*, o Roteiro Gay e das Tendências, onde são evidenciados os locais comerciais para encontros sexuais (Braz, 2010) e divulgados os produtos culturais como os destaques de cinema, os filmes e as obras de arte, em paralelo ao jornal do *Bay Area Reporter*, onde são vislumbradas as conexões eróticas. Portanto, o artigo busca compreender como se configuravam os territórios de prazer e de dor para os encontros entre homens no período ditatorial, no sentido de buscar evidenciar o intercâmbio cultural, o compartilhamento de uma matriz de inteligibilidade e a reconfiguração do desejo homoerótico no mercado sexual.

A presente pesquisa utilizou metodologia qualitativa na análise de fontes hemerográficas, sobretudo no que diz respeito aos espaços de sociabilidade homoerótica, com o objetivo de identificar os circuitos sexuais brasileiros e suas reconfigurações em grandes centros urbanos, bem como seus impactos nos desejos e comportamentos do público consumidor.

Circuito Sexual Brasileiro e o Cinema Pornô-Erótico

Antes da dinâmica do mercado sexual, as interações homoeróticas predominavam na penumbra social e a partir de um imperativo de sigilo entre as partes, tão forte que era o medo coletivo e o desejo incessante entre os sujeitos, que guiavam seus apreciadores a um devir sexual mais “livre”. Assim, nas grandes cidades, as formas de lazer, com saunas, bares e cinemas específicos para o público homoerótico atribuí contornos sociais para o *boom gay*, enquanto proporcionou uma diáspora de homens com desejos homoeróticos

para os grandes centros em busca de desenvolver mais livremente um projeto de vida e agenciar um modo de ser e estar no mundo, na direção do desejo sexual (Green, 2019).

No contexto internacional, os locais para encontros sexuais entre homens surgiam de modo massivo e temático já na década de 1970, quando o jornal *Bay Area Reporter* informou suas novas acomodações *Handebol Express* para o mercado sexual em São Francisco, um hotel com mais de cinquenta quartos com uma arquitetura do século XIX, descrito como um dos primeiros locais para a liberdade sexual entre homens e repleto de possibilidades de fruição por brinquedos sexuais e estimulantes diversos (Bay Area Reporter, 1979).

Nesse local, a prática do *Cruising*, ou seja, a interação furtiva com desconhecidos para deleite erótico-sexual, era facilitada, promovida e instigada com outros fetiches e fantasias eróticas que podiam ser elaboradas com maior permissividade, envolvendo prática sexual grupal e com múltiplos parceiros, performances sadomasoquistas e apreciadores do couro, que produziram um time de *leather fans*⁴ frequentadores assíduos. Essa disposição de desejo determinava um circuito intenso que já possuía uma demanda de mercado e alcançava a fabricação de produtos em série, para atender às procuras eróticas envolvendo o couro, o plástico, o uniforme e outras inovações.

O estabelecimento, em grande medida, foi tributário do período de Revolução Sexual, momento de maior protagonismo do corpo no saber científico, na sexologia e nas terapias preocupadas com o orgasmo e com o prazer, não necessariamente articulado à reprodução ou à ideia de um outro corpo (Muchembled, 2007). Em suma, o território comercial ao capturar os fluxos de desejo para agenciar no capitalismo, indicava também maior conexão com a fantasia e preocupação com o gozo duplo.

A configuração dos guetos homossexuais como o Distrito Castro, em São Francisco, é fruto de um intenso processo de exclusões e de opressões face às pessoas consideradas homossexuais. Muitos homens gays e mulheres lésbicas, expulsos e/ou fugidos de seus lares, desempregados e atravessados por alguma forma de discriminação tendiam a formar bairros para se proteger, organizar um mercado local e ganhar certa autonomia dessa forma. Esse movimento se tornou conhecido como “*Coming Out*” e significava literalmente sair do lar e, metaforicamente, sair das normas convencionais para

⁴ *Leather fans* faz referência aos fãs de couro, que segundo a historiadora Valerie Steele, a moda exibe com bastante frequência os elementos da fantasia, sendo inspirada por temas como vestimenta étnica, trajes da época e uniformes militares. No campo sexual, espartilhos, sapatos, botas e outros materiais de couro têm se tornado quase tão comuns em passarelas quando em clubes fetichistas (Steele, 1997).

experimentar outros modos de ser e de estar no mundo, o que acabou se tornando bordão para a enunciação da identidade sexual ao público e parte de um ato político do Movimento Homossexual Internacional.

O Brasil não chegou a organizar guetos ao modelo norte-americano, no sentido de grandes territórios homoeróticos com relativa autonomia por pessoas consideradas gays, mas possuía seus circuitos homoeróticos nichados. Apesar disso, estava longe de se configurar como uma democracia sexual, posto as diversas violações aos direitos humanos articuladas aos marcadores de gênero e de sexualidade, praticadas inclusive por membros do Estado durante a Ditadura.⁵

Durante a Ditadura Civil-Militar a satisfação sexual e a expressão de si mesmo era, predominantemente, regulada por normas heteronormativas. Logo, o modo como os desejos homoeróticos eram vivenciados entre os cidadãos partia, em regra, do anonimato e de uma ideia de liberdade vinculada à noção circunstancial de “comunidade”, onde acreditavam que podiam performar quem eram sem medo de represálias (Lenznoff; Westley, 1956). A violência era legitimada quando atribuíam a lógica da punição ao considerado desviante, o que permite compreender o motivo pelo qual a função primária dos grupos homossexuais foi servir de suporte psicológico às pessoas identificadas como dissidentes e/ou estranhas em tempos de autoritarismo do Estado.

Desde a década de 1960, foram abertas em São Paulo algumas boates declaradamente destinadas a uma clientela de classe média, que procurava interações homoeróticas. Os locais de lazer e de prazer entre homens se multiplicaram em torno da *Avenida Ipiranga*, em São Paulo, na *Cinelandia* e na *Lapa* do Rio de Janeiro, no qual o mercado homoerótico despontava com uma nova demanda de mercado a prometer bons lucros (Perlongher, 1987).

Logo, São Paulo e Rio de Janeiro replicaram bares, boates, discotecas e saunas gays que em muito se assemelhavam às suas congêneres de Nova York ou São Francisco, nos Estados Unidos (Macrae, 2018). Ao promover locais comerciais para encontros sexuais entre homens, também tornaram possível uma interação erótico-sexual a partir de uma autoimagem positiva, pautada no afeto e no orgulho (França, 2006). Paulatinamente, a reconfiguração do comportamento sexual se tornou perceptível ao público, modificando de modo marcante o comércio e os serviços dos grandes centros urbanos.

⁵ Disponível em: <<https://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/acervo.html>>. Acesso em jan. 2025.

O jornal *Lampião da Esquina* evidenciava a constituição desta cultura sexual⁶, com intensa conexão às dinâmicas homoeróticas internacionais, sobretudo na divulgação de espaços comerciais para encontros sexuais. Em 1978, o jornal informou que a *Cinelândia* e a *Galeria Alaska* no Rio de Janeiro, e a *Avenida São João* em São Paulo, faziam parte do “triângulo da badalação” para homens que buscavam territórios de prazer irrestrito, descritos como lugares de oportunidades fáceis e que transformavam os fins de semana em festa (Lampião da Esquina, 1978). Segundo o *Lampião da Esquina*, a boate “Sótão” era localizada na *Galeria Alaska* e contava com atrativos programas musicais, *drinks* honestos, mas que seu diferencial consistira em ser um território livre para as práticas homoeróticas, conforme asseguram os empresários Edson e Nel, ao afirmar que expulsam fregueses preconceituosos e que buscam brigas (Lampião da Esquina, 1978).

O *Lampião da Esquina* evidenciou também as saunas, os bares, as boates e os cinemas, como um mundo novo, a exemplo do *The Club* em Copacabana, a boate *266 West*, a sauna *Termas do Flamengo* e a boate Sótão. Entretanto, enquanto esses espaços se mostravam como um território livre e desconstruído, estas zonas também se mostraram por diversas vezes um ponto de exclusão para com as mulheres heterossexuais e/ou lésbicas, travestis/transsexuais (Melo, 2020).

Soma-se à cultura sexual das décadas de 1970 e 1980 a expansão de representações erótico-pornográficas no cinema ocidental, em reflexo de mudanças comportamentais, erosão do pudor e liberação dos sentidos (Elias, 1993). Especialmente com a emergência do subgênero conhecido como pornochanchada⁷ que, no Brasil, representou uma abertura para o protagonismo do corpo e do desejo (Le Breton, 2009), ao passo que alcançava sucesso de bilheteria, em meio às críticas e tentativa de censura.

Nesse ponto, foram dirigidas obras como *As Cangaceiras Eróticas* (1974), *O Bem Dotado, o Homem de Itu* (1978), *Nos Tempos da Vaselina* (1979) e *Os Sete Gatinhos* (1980), com enfoque nas representações eróticas do corpo feminino, em uma dinâmica comercial que se supunha estar destinada principalmente ao público masculino. Embora as pornochanchadas não fossem produzidas para um público homoerótico nichado, tal qual

⁶ Por cultura sexual compreende-se um conjunto de valores, condutas, significados, representações e produções humanas que envolvem a sexualidade e são cambiantes de acordo com a sociedade e a época em que tais práticas foram configuradas. Tal conceito foi explorado por autores como Richard Parker, na obra *Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil Contemporâneo* (Parker, 1991).

⁷ Termo criado com o objetivo de desclassificar filmes com baixo orçamento, comumente comédias eróticas, que não costumavam possuir grandes preparos técnicos (Abreu, 2002).

alguns estabelecimentos de grandes cidades, esse modo de exibir o desejo permitia a fruição e o gozo erótico-sexual de homens por homens, pois também o corpo masculino se tornava objeto do olhar. Assim, esses filmes criavam condições para uma experiência fantasiosa ao favorecer as possibilidades do desejo em situações cotidianas despreziosas. Tal movimento erótico-pornográfico não esteve isolado, por estar acompanhado por produções internacionais como o francês *Emmanuelle* (1974), o italiano *O Deputado Erótico* (1972) e fitas mais explícitas, a exemplo do norte-americano *Garganta Profunda* (1972) e do franco-japonês *Império dos Sentidos* (1976).

Ao final da década de 1970, a censura foi flexibilizada e possibilitou a popularidade das chamadas “salas especiais” ou salas restritas, espaços destinados para a exibição dos “filmes de arte” e filmes com sexo explícito. O processo de criação e expansão das salas especiais não foi uniforme, a ter em vista que quando aprovadas pelo Conselho Nacional de Cinema (CONCINE) em 1980, foram implantadas primeiramente em São Paulo e, segundo exigências legais, só poderiam existir nas cidades que possuísem mais de 300 mil habitantes (Carvalho, 1980, p. 18). Em 1981, o Conselho Superior de Censura (CSC) aprovou a criação de salas restritas em todas as capitais brasileiras e nas cidades com população superior a um milhão de habitantes (Braga, 1981, p. 12).

Estas salas especiais representavam o perigo de segregar o público consumidor de obras erótico-pornográficas, conforme notado por Geraldo Sobral, representante de produtores de filmes, em pronunciamento ao CSC (Sala Restrita, 1981, p. 26). Para ele, as pornochanchadas contribuíram para a popularização do cinema, e as salas restritas poderiam fazer com que a audiência esvaziasse as salas abertas.

No que se refere ao consumo das obras, por mais que fossem criticadas por segmentos da sociedade civil, as chanchadas eróticas se estabeleceram com bilheterias favoráveis, a possibilitar o retorno de investimentos por parte dos produtores e a realização de novos filmes. Fora do eixo Rio-São Paulo, a coluna de Ferreira Netto, publicada no jornal *Diário de Natal*, noticiava que os exibidores preferiam trabalhar com as pornochanchadas, por representarem retorno financeiro garantido (Netto, 1976, p. 15). Dessa forma, tal subgênero é verificado nos principais cinemas da capital, e este sucesso resultou na tentativa de criação, durante a década de 1980, da primeira pornochanchada potiguar (Pornochanchada, 1981, p. 04) – conforme anunciado em chamadas de elenco, por parte do realizador Tony Som.

O sucesso das pornochanchadas impossibilitava a ampla fiscalização da circulação de tais filmes em território nacional. Na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, pornochanchadas com mulheres nuas, filmes de violência e terror foram liberados para

qualquer espectador, independentemente da idade (Censura já era..., 1977, p. 16). Tal prática também foi verificada em estados como Piauí, Ceará, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo e outras localidades do Brasil. Mesmo quando as bilheterias do cinema fiscalizavam a idade, *trailers* de obras eróticas e pornográficas eram exibidos em sessões livres (Menores veem..., 1982, p. 01), o que contribuía para atizar a curiosidade do público, sem distinção de gênero ou idade.

A variedade do público consumidor das pornochanchadas é sintomática para a compreensão do espaço que o cinema com sexo explícito ocupava no imaginário populacional. Na medida em que o exibicionismo decorrente da erosão do pudor do momento impulsionava o mercado erótico-sexual entre as ruas de grandes cidades, os suplementos culturais de prazer também se intensificavam e evidenciavam que o próprio corpo poderia se tornar moeda de troca na abertura do mercado sexual (Perlongher, 1987).

Na ocasião de exibição do filme *Império dos Sentidos*, estudantes com seus livros, executivos, bonecas, entendidos, prostitutas, soldados do exército, vendedores e comerciários faziam parte dos espectadores, conforme noticiado pelo periódico *O Movimento* (Toninho, 1980, p. 18). Durante as sessões, parcelas do público costumavam buscar lugares afastados, que garantissem a privacidade da experiência no cinema erótico-pornográfico — o que nem sempre era possível, especialmente em exibições lotadas, ou quando ocorriam dinâmicas de flerte. Na exibição desse filme, um homem sozinho segurava o jornal com a mão, a cobrir o corpo, enquanto se masturbava em silêncio. Tal situação foi confirmada pelo ex-porteiro de cinema Toninho:

Isso é assim mesmo, em todo cinema por aqui. Eu já fui porteiro ali no cine Glória e em todo lugar que passa esses filmes acontece isso. Nesses então, que têm mulher fazendo *strip-tease* é mais ainda. O pessoal descasca mesmo. E tem *os bichas* que vão caçar, *os bichinhas* de cinema. Desses que chegam e se sentam do teu lado e quando você vai ver ele já vai metendo a mão (Toninho, 1980, p. 18).

O relato de Toninho é substancial para a compreensão de dinâmicas relacionadas aos espaços de exibição do cinema erótico-pornográfico. Nas sessões com sexo explícito, alguns estabelecimentos contratavam garotas do *strip-tease* para performances no intervalo dos filmes, o que contribuía para a criação de uma atmosfera sexual que ultrapassava os limites dos telões e corroborava para sociabilidades não estritamente vinculadas aos filmes exibidos.

Além disso, por mais que os conteúdos performativos e cinematográficos fossem pensados como inicialmente destinados ao público masculino e supostamente heterossexual, as sessões erótico-pornográficas atraíam indivíduos com práticas sexuais

plurais, que encontravam nos homens excitados do espaço uma possibilidade de fruição de suas sexualidades. Exemplo disso se manifesta no discurso de Toninho ao evidenciar os “*bichinhas*” de cinema que, supostamente caçando outros homens, não estavam necessariamente interessados nos filmes com representações de nudez, mas nas possibilidades que as audiências das sessões permitiam.

Com o processo de urbanização ocorrido em muitas cidades brasileiras, alguns estabelecimentos cinematográficos tradicionais, localizados nos centros das cidades, passaram a concorrer com salas de projeções localizadas nos *shopping centers*. Outros, em crise e processo de perda de público, exibiram filmes de sexo explícito como alternativa para suas manutenções no mercado. A historiadora Juliana Coelho percebe este movimento na cidade de Fortaleza, Ceará, em que na década de 1980 os cines *Jangada* e *Art* passaram a alternar a exibição de filmes de caubói e artes marciais com obras de sexo explícito (Coelho, 2018) – a se consolidarem como espaços de flerte e possível pegação (Barreto, 2016).

Em locais onde inexistia guetos homossexuais facilmente identificáveis, nem sequer pequenos núcleos de comunidades homoeróticas, os homens interessados em atividades sexuais com outros homens encontravam no escuro do cinema, das praças, das ruas, festas e matagais a possibilidade de consumação dos desejos sem o fácil reconhecimento de suas feições, uma vez que, quando não havia um local específico, todo local se tornava um território em potencial para encontros furtivos. Assim, nos centros urbanos brasileiros, as possibilidades de escapar do controle moral eram facilitadas em virtude do anonimato que a cidade proporcionava, aliado à crescente oferta do mercado com o entretenimento homoerótico.

Em seu livro de memórias, Luís Capucho (1999) descreve o Rio de Janeiro de flertes e de paqueras entre homens em torno e dentro do cinema *Orly*, em locais públicos e festas em apartamentos, até o surgimento de saunas e de “hotéis para cavalheiros” como locais para encontros sexuais mais específicos. Segundo o autor, que presenciou uma época de exibição dos filmes de sexo explícito, as obras eram apenas pretexto para mostrar o corpo de jovens nus fazendo sexo, enquanto os frequentadores estavam envolvidos em atividades sexuais – flertes, sexo oral e anal – que o lanterninha, funcionário do cinema, fingia nada ver (Capucho, 1999).

No tempo presente, as dinâmicas de produção acelerada nas relações de consumo prosperam enquanto conseguem tornar perpétua a não satisfação de seus membros consumidores (Bauman, 2008, p. 64). Desta maneira, os desejos sexuais são transformados em mercadoria comercializável, a partir dos conteúdos exibidos nos filmes, mas também

das práticas e sociabilidades relacionadas ao estabelecimento de exibição fílmica. Na medida que os indivíduos frequentam tais espaços de consumação sexual, são atravessados por novas práticas e costumes, em dinâmicas de consumo e excitação que podem resultar em retorno, na busca de satisfação dos desejos.

Em 1970, fora do eixo Rio-São Paulo, outros centros urbanos brasileiros como Teresina, capital do Piauí, não tinham casas noturnas específicas para o encontro entre homens, motivo pelo qual eram vistos furtivamente em espaços públicos a esmo ou tarde da noite, a exemplo da antiga *Rua Grande* e do matagal atrás do Hospital Getúlio Vargas, conhecido como *ninho das cobras*. Havia o centro da cidade na *Avenida Frei Serafim*, no *Cinema Rex*, *Praça Pedro II*, *Praça Saraiva*, os bares da Avenida Miguel Rosa, *Bar O Pinguim* e o *Bar do Paulo*. Os locais mais específicos para os homens que buscavam interação sexual com outros homens surgem em 1981, com o *Bar Scorpions* com pista de dança (Sampaio, 2019), em 1985, o *Cutruco* próximo à Ponte Metálica, seguido do *Bar Cheiro Verde* no Bairro da Vermelha, a *Mit Dance* e o *Medieval* (Sá Filho, 2017).

Os locais para encontros sexuais possuíam um significado erótico situacional, onde durante o dia favoreciam o comércio local e, durante a noite, se enveredavam por uma atmosfera de maior liberdade. Por outro lado, os locais comerciais para encontros sexuais definiam de maneira mais objetiva as fronteiras do explícito e do sensual, sem, contudo, perder o aspecto ambivalente e contraditório do território.

De forma semelhante, as obras fílmicas e outros produtos sexuais que circularam em território brasileiro, com diferentes camadas de sensualidade e graus de erotismo, fizeram parte das ressignificações de práticas sexuais, de sociabilidades e formas de lidar com os sentimentos, como reflexo de uma mudança de inteligibilidade cultural que se diluía em transformações no campo social. Dessa forma, os locais, os encontros e os produtos sexuais compartilhados entre homens atuaram como modo de agenciar a sensação de prazer e estimular a fabricação de subjetividades voltadas para novas possibilidades de fruição sexual, eventualmente atravessadas pelo capital.

A Reconfiguração do desejo

Em 1980, uma matéria intitulada *Stop The Movie Cruising* do Jornal da Baía do São Francisco evidenciou o caráter da aliança de mulheres, dessa vez movido pela preocupação do reforço ao estereótipo de homossexuais e lésbicas, preocupação esta que emerge no contexto de produção do filme *Cruising*, obra escrita e dirigida por William Friedkin (Bay Area Reporter, 1980, p. 01). O trabalho foi considerado controverso porque abordava um

crime e uma temática sadomasoquista, estabelecendo articulação entre esse desejo, que inicialmente aborda o romance homoerótico de um homem adulto que vive em um centro urbano e escolhia suas vítimas em bares dos “guetos sexuais”, bares noturnos do *West Village*, como *The Eagle’s Nest*, *The Ramrod* e *The Cock Pit*.

Nesse enredo, o autor do crime conseguia facilmente levar para sua casa alguém desconhecido com o objetivo de uma interação sexual furtiva, amordaçar a vítima, violar sexualmente e matar. A preocupação das mulheres e alguns homens declaradamente homossexuais era que o filme pudesse ser usado por alguns para explicar um pouco dos brutais assassinatos sexuais de mulheres e pessoas à margem.

Quando o filme chegou ao Brasil, sua repercussão foi tão controversa quanto no país de origem. O jornal *Lampião da Esquina*, ao evidenciar o tema da obra, tratou da discussão internacional e levantou o questionamento: “se veado gosta de apanhar?” (Silva, 1981, p. 10). Na sequência, afirmou que os adeptos dessas modalidades sexuais eram *bichas de couro* que representavam uma caricatura do machismo. Segundo o periódico, esses indivíduos sobreviviam de modo bastante comunitário somente em dois quarteirões de São Francisco, caracterizando como uma prática específica dos *guetos* norte-americanos, que ignoravam a versão afeminada da homossexualidade. Por fim, o jornal conclui que considerava o filme um erro por retratar o machismo e não a homossexualidade em plenitude.

A opinião editorial, no entanto, não era popular entre os leitores. A carta de Julian Macedo, publicada em 1981, evidencia bastante entusiasmo em relação ao tema:

Caros amigos do Lampião: depois que vi o filme *Cruising* (um filmaço, por sinal) fiquei com uma vontade louca de fazer aquilo tudo que aqueles caras da boate (aquilo é boate de entendidos?) faziam. Por isso gostaria muito que os srs. me dissessem se aqui no Rio existe esse tipo de boate (e qual o endereço?) pois gostaria muito de ir. Agradeço muito desde já, e por favor, mandem-me a resposta através do Lampião de junho, se possível, falou? Um abraço a todos desse jornal, que é simplesmente joião! (Macedo, 1981, p. 12).

Em resposta, o conselho editorial afirmou que no Rio de Janeiro e em São Paulo não existe nada de parecido com as boates do filme *Cruising*. De todo modo, o trecho demonstra a fragilidade do discurso do editor Aguinaldo Silva, considerando que o sadomasoquismo não teria espaço no Brasil (Cartas na mesa, 1981, p. 12).

Em seguida, *Lampião* publica uma nota de opinião de Seymour Kleinberg que descreve em detalhes as práticas similares encontradas no *AnVil Bar*, em Nova York, com salas de *fuck-room*, e práticas de *fistfucking*, caracterizando a maioria da clientela como atletas, universitários ou trabalhadores da construção civil, com macacão, botas, camisa xadrez,

jaqueta de couro obrigatória, sinalizando para relações sadomasoquistas em cena, onde haveria sem nenhum pudor, um escravo e um senhor no meio do bar. Para este autor, este tipo de prática fazia parte de um processo de ilusão, onde o escravo valorizava coisas da sociedade *straight* e se autodepreciava enquanto *gay* (Porrada, 1981, p. 10-12).

O *Lampião da Esquina* evidenciou produtos que surgiam em um mercado específico que começava a despontar no cenário de São Paulo, os *sex shoppings* (Dantas, 1981, p. 09), mercado que se desenvolveu no sentido de atender um público diverso, seja qual fosse a demanda, com produtos para a vida sexual dos consumidores, como algemas, anéis de plástico para colocar ao redor do órgão genital masculino, falos de plástico com elástico, *dildos*⁸ e vibradores, cremes afrodisíacos e outros acessórios de produção nacional.

Dessa forma, a elaboração de uma cultura sexual mais complexa tornou possível à expansão de subculturas sadomasoquistas e fetichistas, onde o dilema amo/escravo era percebido como uma forma de prazer intensa e não servil, uma possibilidade alternativa para fugir aos papéis e posições de gênero e sexo previamente determinados (Foucault, 2005). Nessa perspectiva, as práticas no âmbito do sadomasoquismo envolviam um processo de abstração da vulnerabilidade dos corpos que são revisitados no jogo de dominação, para dar total centralidade ao consentimento (Gregori, 2016).

O período de reabertura política tornou possível as distintas práticas de fruição e gozo do sadomasoquismo sexual, uma prática embrionária para o BDSM - *bondage, dominação/submissão, sadomaso* (BDSM) no Brasil.⁹ Dentro dessa ótica, *saúde, segurança e consensualidade* (SSC) viriam a se constituir como normas fundamentais para a conexão da violência com as interações sexuais, articuladas desde 1983, entre alguns subgrupos, como forma de repensar o estigma sobre práticas dissidentes da sexualidade, colocando a perspectiva da pluralidade do prazer (Freitas, 2012).

Na virada de 1979 a 1980, as áreas que formavam as comunidades homoeróticas de São Paulo passaram a gozar de maior liberdade. Certamente, em virtude do surgimento de uma militância homossexual organizada com a emergência de coletivos identitários, a exemplo do *Somos* em São Paulo e do jornal alternativo o *Lampião da Esquina*, ambos em 1978 (Simões, 2009). Entretanto, o surgimento do vírus do HIV foi articulado à ideia de

⁸ O dildo é o nome dado a um pênis de borracha, plástico ou outro material qualquer. (Preciado, 2014).

⁹ Havia iniciado esta configuração após a Segunda Guerra Mundial, mas seu termo somente pensado em 1991 (Pires, 2018).

contágio por práticas sexuais entre homens, comparado a um “câncer gay”, fortalecendo estigmas a uma população vulnerabilizada socialmente. O acometimento desta doença se manifestou como uma bomba nos guetos sexuais, antes percebidos como lugares de felicidade e de esperança. Enquanto os casos aumentavam, as interações erótico-sexuais entre homens se voltavam para regramentos de saúde e de segurança, abolindo quase que totalmente a prática do *Cruising*, enquanto os estudos sobre a doença possibilitavam maior esclarecimento a respeito do modo de transmissão do vírus, desarticulando os estereótipos e as vinculações a uma sexualidade específica.

Dessa forma, considerando a experiência homoerótica no período pré-epidemia de HIV, é possível supor que essas uniões ocorriam sem a elaboração de um afeto maior de cumplicidade, uma vez que o foco parecia ser a busca incessante de parceiros para gozos múltiplos, quase que predominantemente marcado por regras de sigilo e anonimato. Posteriormente, essas interações erótico-sexuais surgem acompanhadas por uma política de visibilidade centrada na ordem, na saúde e na segurança. Nesse cenário contracultural dos anos 1980, a revolução dos costumes se articulou com um projeto político maior, assim como o desejo tornou-se pensado a partir de aportes políticos e da cultura, longe do lugar unicamente essencializante, assim seus termos, *saúde, segurança e consensualidade*, foram pensados como forma de redefinir o estigma sobre práticas dissidentes da sexualidade *hard* (Freitas, 2012).

Ao mesmo tempo, os periódicos alternativos informavam sobre as políticas de alianças possíveis entre pautas feministas e questões identitárias, movimentos afirmativamente lesbo-feministas, homossexuais e homossexuais negros, com questões centrais para reivindicação de direitos sociais, civis e políticos (Butler, 2018).

Ademais, a consensualidade demonstra preocupação com a dimensão ética das relações entre as pessoas, de modo que fora desses termos de saúde, segurança e consensualidade seria facilmente configurada a violência. Essa virada epistemológica sobre o corpo do outro permite estabelecer novas formas de conexão, priorizando o respeito e o interesse dos envolvidos, uma vez que cada ato é ao mesmo tempo, expressão de desejo do submisso. Assim, em 1983, alguns candidatos a vereador e a deputado, tanto no PMDB quanto no PT, incluíram em suas plataformas reivindicações dos grupos homossexuais, entre as quais: a exigência da abolição do código 302.0 do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS), que rotulava o “homossexualismo” como “desvio e transtorno mental” (Vecchiatti, 2019).

Nessas circunstâncias, a reflexão sobre a consensualidade, a segurança e a saúde nas interações sexuais buscam afastar a dimensão sádica de prazer que se satisfaz na dor do

outro e/ou da dor no próprio corpo, de modo que os territórios inventados a partir das tendências internacionais não se configurou como uma apologia à tortura de Estado. Antes disso, os espaços foram construídos como modo de fruição mútua entre os participantes, como a *Leathermania*, *leather fraternity*, que propunham seus próprios encontros eróticos e influenciavam o Brasil.

Nesse contexto, a redefinição das relações sociais mais íntimas, a partir do consumo de filmes, jornais alternativos, revistas e locais comerciais para encontros sexuais permitiram colocar em evidência o corpo erótico como fator de atuação política mais potente de transformação social, assim como a entrada de elementos tecnológicos tornaram possível uma maior aceleração do tempo e das formas de sentir prazer. Essas questões foram cruciais para a confecção da Constituição Federal de 1988, que demarcava uma ruptura com um momento ditatorial e direcionava o país a uma perspectiva mais plural dos modos de vida, em que o papel do Estado de Direito surge como garantidor da liberdade sexual, tanto quanto do mínimo existencial para o desenvolvimento pleno como cidadão.

Considerações finais

Os impactos do regime ditatorial ressoaram de formas diversas aos sujeitos do período e não seria possível mensurar completamente essa experiência subjetiva, mas é possível vislumbrar um contexto de urbanização crescente e de formação de classes sociais absortas em premissas questionáveis de morais e bons costumes. Ademais, as práticas de desejo entre os frequentadores dos territórios sexuais possuíam um caráter não apenas contraditório, mas também plural e ambivalente. Os mesmos locais podiam ser interpretados simultaneamente como locais de medo e de desejo, de prazer e de dor, uma vez que a violência é constitutiva das relações sociais e não estava apartada destes territórios.

Historicamente, a prática do *Cruising* entre homens em territórios antes considerados livres era algo desarticulado do consentimento, da segurança e da saúde, possibilitando inúmeros atos criminosos, violações aos direitos humanos e suas representações em enredos filmicos. O prazer sexual, intimamente articulado à adrenalina da interação em locais públicos e ao risco da exposição ao ridículo, implicou diferentes tensões na negociação do intercurso sexual no Brasil e nos Estados Unidos. Após a emergência do vírus HIV, o circuito homoerótico e os intercursos eróticos relativos ao

Cruising se tornaram reclusos, cautelosos e mais escassos, a evidenciar preocupações com a saúde pública.

O contexto ditatorial do Brasil em muito se distinguia do Norte Global, onde o mercado erótico sexual se estabeleceu com maior densidade. Entretanto, a abertura do regime de governo sinalizava para a realidade e liberdade das relações humanas. Por conta da intolerância diante dos diferentes modos de vida e de fruição sexual, as comunidades homoeróticas se constituíram como territórios sexuais dinâmicos e situacionais, como se representassem um local seguro para os homens com práticas ambíguas e homoeróticas. Além disso, esse modo de ser, de estar e de sentir formou demandas de desejo para o mercado sexual, capturadas pelo capitalismo e potencializadas nas dinâmicas comerciais de produtos culturais.

No período da abertura política, o periódico alternativo homossexual *Lampião da Esquina* teve ampla circulação, especialmente nos grandes centros. *Bay Area Reporter* também foi um jornal popular que, em escala internacional, corroborou para a construção de subjetividades pautadas no orgulho de ser. Entre os temas que mais predominavam em suas páginas estavam os assuntos culturais e de lazer, dicas de livros e filmes, entre os quais estava o *Cruising* de William Friedkin.

No período estudado, o cinema também se consolida enquanto importante linguagem de comunicação com parcelas da sociedade civil em escala local, nacional e internacional, a constituir-se como ferramenta de construção do sujeito e reconfiguração de identidades. Por meio de análise dos filmes e sociabilidades relacionadas ao espaço cinematográfico, é possível perceber as dinâmicas de liberação sexual, redefinição da intimidade e da sexualidade, bem como centralidade do corpo nos discursos. Também é possível afirmar que em razão da extensão territorial e das especificidades do desenvolvimento urbano no contexto brasileiro, as pornochanchadas alcançavam localidades que não possuíam comunidades homoeróticas constituídas e já consagradas por setores da sociedade civil do eixo Rio de Janeiro — São Paulo e Nova York — San Francisco.

Apesar do enfoque no público heterossexual masculino, as chanchadas eróticas também possibilitaram a satisfação de desejos dos homens que se relacionam sexualmente com outros homens, com representações que divulgavam práticas e costumes eróticos em um contexto de repressão, suposta moralidade e bons costumes. Dessa forma, cinemas se estabeleceram enquanto locais comerciais voltados para encontros sexuais furtivos, assim como as saunas, boates, discotecas, bares e outros espaços.

Por fim, os jornais alternativos homoeróticos, as pornochanchadas e os locais comerciais para encontros sexuais possibilitaram uma troca cultural em escala internacional, se constituindo como dispositivos democráticos e instrumentos de gozo mesmo em tempos ditatoriais, enquanto transformam as vozes dissidentes em elementos centrais do discurso político, social, cultural e econômico. Nesse ponto, estes elementos possibilitaram a mediação do debate de diferentes perspectivas no interior dos subgrupos sexuais e segmentos da sociedade civil.

Referências

ABREU, Nuno César Pereira de. *Boca do Lixo: cinema e classes populares*. 2002. 808 f. Tese (Doutorado em Multimeios) – Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. *Festas de orgia para homens: territórios de intensidade e socialidade masculina*. 2016. 348 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRAZ, Camilo. *À meia-luz...: uma etnografia imprópria sobre clubes de sexo masculinos*. 2010. 283 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas*. Tradução Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BAY AREA REPORTER, Volume 10, Number 4, 1980, p.1

BAY AREA REPORTER, Volume 9, Number 23, 1979, p. 34.

BRAGA, Márcio. Cinema sem censura. *Jornal do Brasil*. 25 jun. 1981, p. 12. Caderno B.

CALIFORNIA Digital Newspaper Collection. Disponível em: <<https://www.ebar.com/pages.php?screenID=18206>>. Acesso em jan. 2025.

COELHO, Juliana Frota da Justa. *Somos todxs estrelas pornô?: a produção de subjetividades-vitrine no Cine Majestick (Fortaleza/CE)*. 2018. 207 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

COLEÇÕES - Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott CEDOC LGBTI+. Disponível em: <<https://cedoc.grupodignidade.org.br/colecoes/>>. Acesso em jan. 2025.

CARTAS NA MESA. Julian Macedo – Rio. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ed. 37, jun. 1981, p. 12.

CARTAS NA MESA. Resposta editorial. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ed. 37, jun. 1981, p. 12.

CARVALHO, Murilo. O império lucrativo das salas especiais. *O Movimento*. 10 a 16 nov. 1980, p. 18.

CENSURA já era nos cinemas de Mossoró. *Jornal Diário de Natal*. 03 fev. 1977, p. 16.

COMISSÃO Nacional da Verdade. Disponível em: <<https://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/acervo.html>>. Acesso em jan. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

DANTAS, Eduardo. Sex Shops: pornô ou farmácias? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ed. 33, fev. 1981, p. 09.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: formação do estado e civilização*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso no Collège de France (1981-1982)*, 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Diálogos sobre os prazeres do sexo*. São Paulo: Editora Landly, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. 13ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2022.

FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e Pontes: O movimento LGBT e o Mercado GLS na cidade de São Paulo*. Dissertação em Antropologia. São Paulo, USP, 2006.

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo*. 2010. 264 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

FREITAS, Fátima Regina Almeida. *Bondage, dominação/submissão, sadomasoquismo: etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais*. 2012. 121 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

GAUER, Gabriel J. Chittó; GAUER, Ruth M. Chittó (org.). *A fenomenologia da violência*. Curitiba: Juruá, 1999.

GREGORI, Maria Filomena. *Risco e êxtase nas práticas eróticas*. *Cadernos Pagu*, n. 47, e164716, 2016. ISSN 1809-4449.

GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. 2ª ed. São Paulo: editora Unesp, 2019.

LE BRETON, David. *As Paixões Ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEZNOFF, Maurice; WESTLEY, William A. *The Homosexual Community*. *Social Problems*, vol. 3, no. 4, 1956.

LAMPLÃO da Esquina, Rio de Janeiro, p. 08, abr./mai. Ed. 01, 1978.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Salvador: EDUFBA, 2018.

MELO, Kelyel. *À meia luz da esquina: tensões homoeróticas no Brasil da abertura (1978-1981)*. 2020. 181 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020.

MUCHEMBLED, Robert. *O Orgasmo e o Ocidente: uma história de prazer do século XVI a nossos dias*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

MENORES veem filmes proibidos. *O Estado*. 14 jul. 1982, p. 01.

NETTO, Ferreira. No Ar. *Jornal Diário de Natal*. 11 dez. 1976, p. 15.

PARKER, Richard. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Editora Record: Rio de Janeiro, 2002.

PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

PERLONGHER, Néstor. *O Negócio Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PIRES, Rogério Brittes W. Da excitação à multiplicação: imagens sadomasoquistas e fetichistas de Bizarre. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 2, e43211, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/43211>>. Acesso em: jan. 2025.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo, p. 81, 2014.

PORNOCHANHADA. *Diário de Natal*. 10 fev. 1981, nº 11.197, p. 04.

PORRADA. Uma visita ao QG das bichas de couro (publicado originalmente na revista *Christopher Street*, no jornal Gay News). IN: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ed. 37, jun. 1981, p. 10-12.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: Editora N°1 Edições, 2018.

SÁ FILHO, Bernardo Pereira. *Cartografias do prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)*. 2017. 183 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SAMPAIO, José Ricardo Fortes. *Perdendo a cabeça na tontura: reflexões etnográficas no campo de pegação homoerótica em Teresina (PI)*. 2019. 114 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

SIMÕES, Júlio; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

STEELE, Valerie. *Fetichê: moda, sexo & poder*. Tradução de Alexandre Abranches Jordão. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SALA restrita. *Correio Braziliense*. 27 jun. 1981, p. 26.

SILVA, Aguinaldo. Porrada: Viado gosta de apanhar? *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, ed. 37, jun. 1981, p. 10.

TONINHO. A pornografia está é na cabeça das pessoas. *O Movimento*. 10 a 16 nov. 1980, p. 18.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. *Manual da Homoafetividade*. Bauru: Spessotto, 2019.

Recebido em 01 de abril de 2025.

Aceito em 28 de junho de 2025.